



O CONCEITO DE IDENTIDADE NACIONAL EM MANOEL BOMFIM

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3927

Leonardo Francisco Borges, UEM
Reginaldo Benedito Dias, UEM

Resumo

O presente resumo está ligado a Iniciação Científica, intitulado ao nome “Análise da identidade nacional na perspectiva de Manoel Bomfim” e tem por finalidade analisar a obra *A América Latina Males de Origem* (1905), de Manoel Bomfim. Assim como a obra de alguns de seus interlocutores como José Carlos Reis (2007), Ivone Bertonha (1987), Ronaldo Conde Aguiar (2000), entre outros. A obra de Manoel Bomfim é um manifesto contra as nações colonizadoras, no caso Portugal e Espanha. Sua obra assim como a de vários intelectuais de seu contexto, - o início do século XX - percorre um itinerário temático, e passa pela questão da identidade nacional. O interessante em Bomfim é que ele se contrapõe ao modo da elite e dos intelectuais pensarem, por estar inserido em uma espécie de tradição do “contra” como propõe Uemuri (2010), e pensar com certa liberdade, acaba ele pagando alto preço por isso. Para fins metodológicos, e teóricos dentre as obras escolhidas vale citar o ensaio de Stuart Hall *A identidade cultural na pós-modernidade* (1997), será usada também a concepção de documento/monumento de Jacques Le Goff (1990), assim como outros autores ligados à área de História das ideias.

Palavras Chave:

Manoel Bomfim;
Identidade Nacional;
História do Brasil;
História das ideias.

Introdução

Antes de dar início a discussão da obra, e pensamento de Bomfim em si, é pertinente que se faça alguns apontamentos sobre a temática da 'identidade nacional'.

Quando pensamos em 'identidade nacional'; estamos logo nos referindo a uma 'cultura brasileira'. Ingentemente tomamos como uma unidade essa tal cultura, e procuramos assim buscar pontos que liguem diferentes instâncias culturais do país, "[...] por cultura entendemos ser uma herança de valores e objetos compartilhadas por um grupo humano que seja relativamente coeso [...]". (BOSI, 2003, p. 308).

Seguindo o apontamento de Alfredo Bosi em *Dialética da colonização* (2003), há "culturas" e não uma só cultura brasileira:

Estamos acostumados a falar em cultura brasileira, assim, no singular, como se existisse uma unidade prévia que aglutinasse todas as manifestações materiais e espirituais do povo brasileiro. Mas é claro que tal unidade ou uniformidade parece não existir em sociedade moderna alguma e, menos ainda, em uma sociedade de classes. (BOSI, 2003, p. 308).

O pressuposto a partir do qual procuramos partir, é o de que toda identidade é uma construção "simbólica", pois segundo Renato Ortiz; "não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades construídas, por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos" (ORTIZ, 2012, p.8.). Logo, à ideia de identidade nacional construída no "discurso" de Bomfim pode ser considerada diametralmente oposta da que é proposta por Silvio Romero, ou Oliveira Vianna, porém, ambas fazem parte de uma mesma discussão que se propõe pensar no Brasil do fim do XIX, e início do XX, "a relação entre cultura e

estado". José Carlos Reis em sua obra, *As identidades do Brasil 1; de Varnhagen a FHC (1999)* propõe sobre isso que: "O Brasil é um país vasto, complexo contraditório e extremamente dinâmico, o que impede que se possa ter uma representação consensual, homogênea e estável de sua identidade nacional" (REIS, 2007, p. 17.)

Fato é que o tema "identidade" é um dos mais complexos da filosofia, da psicanálise, das ciências sociais, e sobretudo, da história. Seria mais interessante a nós, trabalhar a visão como "identidades", como propõe Reis (2007). As questões que cercam o tema das identidades por si só já são complexas, por exemplo, é válido nos questionarmos se os indivíduos podem vir a controlar ou decidir o modo como são vistos pela sociedade, ou será que tais indivíduos carregam marcas ou sinais que os definem? Seria possível maquiagem ou esconder uma nacionalidade? Que papel a nacionalidade tem na identidade do indivíduo? Há de fato uma espécie de identidade nacional imutável, que se possa definir e conceituar? O conceito de "identidades" hoje compreende várias instâncias.

A respeito dessas diferentes instâncias ocupadas pelas identidades, é importante nos lembrarmos da obra de Stuart Hall (1997); *A identidade cultural na pós-modernidade*. Explico-me, Hall nessa obra faz sua discussão em torno da problemática de o que caracterizaria a identidade do sujeito moderno. Sua conclusão é de que as identidades hoje são descentradas, que os sujeitos são "construídos" por diferentes discursos que transformam as identidades em algo mutável. Hall propõe que as culturas nacionais são pensadas como "unificadas", e o são por serem representadas como [...] expressão da cultura subjacente de um único povo." (HALL, 1997, p. 36). E é útil à nossa análise o modo proposto por Hall para pensar a cultura Nacional.

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas,

deveríamos pensa-las como construindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. (HALL, 1997, p. 36)

Objetivos

O presente artigo tem por objetivo compreender o conceito de identidade nacional na obra de Manoel Bomfim; assim como situar o pensamento do autor em seu contexto e entender sua importância dentro do que se convém chamar “pensamento social brasileiro”.

Resultados

O que se pressupõe aqui é que hoje seja talvez mais complexo falar de uma “identidade nacional”, porém no Brasil do início do século XX, não o era, e tanto é que se fala de uma identidade nacional definida, quase que romanticamente, uma espécie de “brasilidade”, embora hoje não possamos falar sobre essa brasilidade enquanto tal. O que podemos fazer é discutir o que queriam dizer os que dela falaram – como tentaremos fazer com Bomfim –, as narrativas, ou “discursos”, de Bomfim e dos intelectuais de seu tempo fazem parte de uma construção que paira no imaginário da sociedade em que estes indivíduos estão inseridos, estas produções desses intelectuais constituem parte importante da nossa busca por um autorreconhecimento.

Por mais que o interlocutor se identifique com o “Discurso” de Bomfim, deve-se levar em consideração que esse pertence a um determinado período e talvez só possua essa forma por presenciar alguns acontecimentos a ele ligados. Os discursos podem ser considerados como: representações das ideias que pairam em uma determinada sociedade, que propicia as condições para que eles sejam elaborados, lidos e interpretados de

diferentes maneiras.

É digno de ressaltar aqui, os apontamentos quanto ao cuidado metodológico com a fonte historiográfica. O livro *A América Latina: Males de Origem*.

Le Goff nos diz que não existe um “documento verdade”, todo documento é uma mentira, mas, ao mesmo tempo, é uma verdade, o documento seria uma aparência é ele manipulado, pelo tempo, pela época, ou pelo silêncio, “Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias” (LE GOFF, 1990, p.9). Nesse sentido, é necessário desconstruir a “aparência” e então, compreender as condições de produção do documento. Bomfim em sua obra busca responder à questão do que seriam os “males de origem” do problema social brasileiro, o contexto em que ele produz a obra é de fato problemático. Os meios acadêmicos que Bomfim frequentou, manifestam-se sobre esses problemas de uma determinada maneira, principalmente através do darwinismo social que Bomfim criticava, ou do racismo científico. Essas diferentes interpretações sobre o problema social Brasileiro, acabam por permear as estruturas do discurso de Bomfim.

A análise de Bomfim em *A América Latina: Males de Origem* (1905) é praticamente um manifesto contra a opressão das nações colonizadoras Portugal e Espanha, a metrópole, “suga” a colônia, e vive parasitariamente do trabalho alheio, a escravidão consolida ainda mais esse parasitismo social. Bomfim em sua obra faz uma analogia, entre o biológico e o social, e tal analogia o leva a formulação de uma teoria sobre o imperialismo baseada em termos do “parasitismo social”. Segundo Ortiz, a teoria de Bomfim poderia se resumir da seguinte forma:

- 1) o animal parasita possui uma fase depredadora, momento em que ataca sua vítima;
- 2) durante o

período parasitário, o parasita vive da seiva nutritiva elaborada pelo animal parasitado; 3) Partindo-se do princípio de que a função faz o órgão, tem-se em certo período longo de parasitismo, um atrofiamento dos órgãos do parasita (ORTIZ, 2012, p. 24).

O parasitismo em Bomfim tem um sentido metafórico, onde ele se vale de conceitos biológicos para explicar o social, Bomfim faz uma analogia de um parasita que em sua fase embrionária possuía uma maior complexidade em seu organismo que em sua fase adulta, e propõe a pergunta: “Por que razão degenerou ele? Por que se atrofiaram e desapareceram seus órgãos, em cuja a síntese e harmonia se acusava uma organização superior?” (BOMFIM, 1905, p. 47). E Bomfim responde a essa pergunta, dizendo que é por que ele se fez parasita, o parasitismo o reduziu a uma condição de inferioridade e degradação. Bomfim se vale dessa análise no social também, a metrópole se acostuma segundo Bomfim a “sugar”, a colônia, e se põe em uma condição semelhante à dos parasitas. Assim como os órgãos sensoriais motores do parasita se atrofiam fatalmente por não serem exercitados, assim ocorre com as metrópoles, segundo Bomfim elas se degeneram a tal ponto que, dentro os nomes que fundamentam as discussões da ciência moderna, não há nenhum nome Ibérico. O resultado dessa situação colonial de parasitismo é duplo, “por um lado tem-se que a metrópole tende a se degenerar e a involuir, por outro, essa dimensão de degenerescência, se transmite aos próprios colonizados” (ORTIZ, 2012, p. 25).

Bomfim foi bastante criticado por utilizar metáforas do biológico para com o meio social; porém algo é certo no que diz respeito ao conceito de parasitismo. Bomfim desenvolveu um sistema/modelo explicativo, sobre a dominação, e também sobre a apropriação do valor do trabalho, e fez isso em uma dimensão dupla. Na relação entre duas

distintas classes, e na relação entre países periféricos e países centrais.

Sobre o conceito de parasitismo em Bomfim, não poderíamos nos esquecer do celebre ensaio, *Uma teoria biológica da mais valia?* (1984), embora o nome seja sugestivo; Flora Sussekind e Roberto Ventura não comparam Bomfim a Marx no sentido de ‘quem fez melhor’, o que fazem é muito mais usar a teoria da mais valia Marxista para explicar a teoria Bomfiniana. Os autores propõem que: se na teoria de Marx, o centro da questão é a luta de classes, “(...) no texto de Bomfim de 195, a luta não é de classes, mas entre parasita e parasitado” (SUSSEKIND, 1984, p. 11).

Apesar de toda a maleficência do “parasitismo”, Bomfim não o considera como um mal incurável, segundo Flora Sússekind e Roberto Ventura em *História e dependência: Cultura e sociedade em Manoel Bomfim* (1984)., propõe que a visão de Bomfim sobre o “parasitismo”, seria de uma perspectiva de ‘mal curável.’ O parasitismo social não traria ao contrário do biológico, modificações irreversíveis para o parasita e parasitado. Tornam-se, deste modo, possíveis a “cura” dos males apontados [...]” (SUSSEKIND, 1984, p. 136).

Bomfim fala em uma hereditariedade, e que o “caráter nacional”, é a expressão da “hereditariedade social” Bomfim, citando Ribot propõe que; “O caráter individual ou nacional, é um efeito – é o resultado complicadíssimo das leis fisiológicas e psicológicas”. As instituições são sustentadas por uma causa interior –, o caráter que se transmite por sua hereditariedade” (BOMFIM, 2008, p. 70).

Esse caráter nacional que se forma no Brasil, e na América Latina – já que a análise de Bomfim é não somente sobre o Brasil, mas também sobre a América –, traz consigo os males que “degeneraram” a civilização Ibérica, o retrato que Manoel Bomfim nos traz das nações latino-americanas é um retrato

caótico, com efeitos como; a perversão do senso moral, horror ao trabalho livre e a vida pacífica, e uma eterna desconfiança das autoridades. O *América Latina: Males de origem*, teria sendo assim a pretensão de ser um livro que faria uma investigação dos males que atingiam os países do continente e não só do Brasil. É válido lembrar que como propõe Renato Ortiz (1985), Bomfim foi um internacionalista:

[...] a problemática brasileira somente existe enquanto parte de um sistema mais abrangente, o da América Latina. Manoel Bomfim possui uma visão internacionalista que não encontra correspondência nos outros autores brasileiros da época. (ORTIZ, 1985, p. 23)

Considerações finais

A sociedade brasileira do início do século XX criou grosso modo; dois tipos de intelectuais. Aqueles se colocam a serviço do combate dos privilégios das minorias políticas e econômicas, ou seja, a serviço da massa proletária; e aqueles que de maneira deliberada ou não, se propuseram a defender os objetivos que iriam contra o povo, e até certo ponto, contra a nação. Manoel Bomfim; sempre esteve no primeiro grupo. (AZEVEDO, 2013.)

Bomfim tem uma visão dissonante dos intelectuais de sua época, seu discurso se vale de uma crítica e de uma espécie de argumentação histórica. Segundo seus interlocutores, Bomfim pensa com liberdade, e paga o preço por pensar com tal liberdade. O autor se contrapõe ao modo de pensar da elite brasileira de maneira diametralmente oposta. Bomfim através do instrumental teórico de sua época criticou o darwinismo social e a ‘pseudociência’ imperante no Brasil do século XX e no Rio de Janeiro da *belle époque*. O médico sergipano foi capaz de compreender que por trás do discurso e das teorias racistas, se escondia a justificativa legitimadora da dominação das classes dirigentes para com a massa.

O discurso de Bomfim apresenta sim vários problemas como propõem vários autores; Ortiz (1985), Sussekind (1984), Reis (2006), e vários outros. Bomfim era de fato prolixo de mais, repetitivo por demais, com concepções metafóricas de difícil compreensão e, mesmo quando criticava a utilização do biológico como instrumento para análise do social, ele também o fazia. Mesmo quando fazia a crítica dos autores brasileiros que iam buscar teorias europeias para a compreensão da problemática nacional, ele também as buscava na Europa.

Mas não se trata aqui de definir se concordamos ou não com seu discurso, ou com seu projeto de Brasil, se trata de compreender o porquê de Bomfim apresentar um discurso tão dissonante, e entender também que discurso é esse e de que ele se vale. Por esses e outros variados motivos talvez devêssemos ler, e reler Bomfim, confrontando-o com os diversos textos conservadores do período, para refletirmos sobre o alcance de sua análise do Brasil.

Referências

- BOMFIM, Manoel. **A América Latina: males de origem**. 2008.
- BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira e culturas brasileiras. Dialética da colonização*, v. 3, p. 308-345, 1992.
- HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional. In: Cultura brasileira e identidade nacional**. Brasiliense, 1985
- REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?**. FGV Editora, 2006.
- REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. FGV Editora, 2007.
- SÜSSEKIND, Flora. **História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim**. Editora Moderna, 1984.